



Correspondências

Fernando Pericin e Lynn Carone



O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta a exposição

Correspondências

Fernando Pericini e Lynn Carone

Centro Cultural

Secretaria de
Comunicação Social



O projeto *Correspondências*, apresentado pelos artistas Lynn Carone e Fernando Pericin, traz um conjunto de obras produzidas e organizadas a partir de correspondências trocadas entre os dois. Algumas obras são frutos de caminhadas, perambulações e devaneios urbanos; outras, oriundas da pesquisa artística pessoal de cada artista. Ambos buscam entender e desvendar as relações afetivas entre as pessoas e a cidade, ou, talvez, entre si próprios e o espaço, sempre considerando a passagem do tempo.

Juntos, Lynn e Fernando criaram um método para a exploração dos caminhos e explicação dos motivos: o diálogo sobre temas recorrentes em seus trabalhos, por meio de uma correspondência escrita e visual, aborda suas percepções e seus diferentes olhares sobre temas afins.

Os trabalhos trazem lembranças de andanças a esmo por diferentes lugares, tendo como principal objetivo a relação entre o eu, a cidade onde os artistas vivem, a natureza e a ação do tempo sobre lugares, pessoas e objetos. Histórias, memórias, anseios, cartografias e passagens são registrados por texto, fotografia, desenho ou coleta. As obras são testemunhos do efêmero, da contemplação e do devaneio.

A matéria-prima de *Correspondências* abarca a imagem, o tempo e a emoção em um mundo de memória fugaz.

O surgimento desse tema teve origem nas intersecções e nas discussões propostas pelas obras dos artistas nas quais o tempo se mostra presente e potente, abre um diálogo forte e delicado e convida o espectador para dentro de si e dos trabalhos, em um espelhamento constante, dialético, entre o eu e o outro, via imagens e memória, que são o próprio tempo.

Um conceito que foi se configurando para a compreensão da arte contemporânea foi “temporalidade”. Sua orientação para o real, com inclusão de tempo, ganhou um contorno definitivo. O real não é somente o espaço, mas a realidade espaçotemporal. O fortalecimento desse conceito ocorre com o maior controle do deslocamento do espectador e a consciência da condição inseparável de que a obra só funciona no momento, ou na duração da sua presença. É na presença do espectador que se forja algo que poderia ser o tempo da obra, mas que, de fato, é o tempo do espectador na relação com ela – tempo que é a este devolvido em forma de consciência da sua própria condição temporal/existencial. ■



Sobre o projeto *Correspondências*

Diz Manoel de Barros:

*Estas latas têm que perder, primeiro, todos os ranços (e artifícios) da indústria que as produziu. Segundamente, elas têm que adoecer na terra. Adoecer de ferrugem e casca. Finalmente, só depois de trinta e quatro anos elas merecerão ser chão. Esse desmanche em natureza é doloroso e necessário se elas quiserem fazer parte da sociedade dos vermes.*¹

Latas, pedras, flores, nuvens... À sua maneira, cada uma resiste ao tempo, depois todas desintegram. “Esse desmanche em natureza é doloroso e necessário se elas quiserem fazer parte da sociedade dos vermes.”

Quem ama Manoel de Barros sabe que a sociedade dos vermes é o reino onde latas enferrujadas namoram com as borboletas, são alçadas a morada de caracóis e estabelecem uma relação de intimidade com moscas e abelhas. Criam limo e musgo, sem os quais não podem dar flores. “Elas ficam muito orgulhosas quando passam do estágio de chutadas nas ruas para o estágio de poesia.”

Lynn e Fernando capturam imagens de objetos e seu desmanche. Eles sabem da existência da sociedade dos vermes, aquele mundo em que tudo o que fenece, em verdade, está apenas passando de um estágio a outro – o da poesia, da arte, do sublime.

Essa passagem só é possível no tempo. E o tempo pede atenção para gestar a memória. O tempo é muito exigente. Não se revela facilmente, nem se expõe didaticamente. Acumula-se em camadas e deixa pistas em forma de dobras, rugas, ferrugem, cascas, pétalas murchas, cacos, ossos, fósseis, pegadas, fumaça, reflexos, traços, cores. Todos esses sinais indicam que ele quer ser compreendido.

Os olhos de um mundo acelerado e desatento não veem nada disso. Veem-se a si mesmos, apenas. O resto é lixo. Perdem, portanto, o melhor da vida: a sensibilidade para olhar as coisas em sua constante mudança.

Flores continuam nascendo, fenecendo e sendo substituídas por flores que também fenecem e dão lugar a outras. Essa eternidade da flor, como a dos insetos, assegura a ideia tão necessária a nós da continuidade da vida. Mesmo os objetos fabricados – como latas – defi-

nam, mas são seguidos de novos que se substituem num *continuum*. Nuvens são apenas um estágio de uma matéria, e seu ciclo evolui de fase a fase numa rapidez contrária à das pedras.

As imagens que Lynn e Fernando selecionaram para o projeto *Correspondências* desnudam esse processo. Antes de constituírem partes de uma exposição, foram registros nascidos da sensibilidade artística que permite buscar nos objetos a história infinita do mundo e perceber relações entre coisas materiais e imateriais, diferentes na aparência, feitas de matérias diversas, mas que trazem a certeza de que fala Didi-Huberman: “Convém saber olhar como um arqueólogo”.²

Concorda Manoel de Barros:

*Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando ossos. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras.*³

Não seria esse o mesmo desejo de Lynn e Fernando? De Anna Paula e Anna Cristina? Daquelles que viram no projeto a potência de um apelo à correspondência, à calma, à desaceleração, à memória? ■

Anna Cristina Araújo Rodrigues



¹ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 61.

² BARROS, Manoel. *Memórias inventadas – as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta, 2010. p. 15.

Brasília, 31 de março de 2019.

Para você.

Logo, nunca poderemos dizer: não há nada para ver, não há mais nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas. Convém saber olhar como um arqueólogo. E é através de um olhar desse tipo – de uma interrogação desse tipo – que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 61)

É uma questão de temporalidades, sobreposição entre os tempos: cria-se uma intimidade com as imagens, não com todas, é verdade, mas com algumas imagens, que nos convidam, em um movimento de aproximação e distanciamento entre as pessoas, as poéticas, os processos, as obras. De fato, nós olhamos para as coisas do mundo e as coisas nos olham. Esta narrativa é completamente absorta de leituras de textos de Georges Didi-Huberman, cuja escrita tem me feito esse convite do olhar, como ser que olha e é, também, olhada.

Convidada por Lynn Carone e Fernando Pericin, debrucei-me em um processo de absorção das correspondências trocadas entre eles, imagens das obras e de trocas de mensagens com Anna Cristina Araújo Rodrigues. Considero que cada um dos elementos ali disponibilizados são imagens – cada ato como processo imagético de criação e fruição. A partir desses encontros, criei uma intimidade própria com aquilo que me era apresentado, em meio a imagens ali disponibilizadas e imagens que criei a partir do meu repertório.

O exercício a mim colocado, por vontade própria, era constituir e restituir aquilo que atravessou o meu olhar e me tornou parte do todo. Eu me vi ali com eles, no processo de feitura e dialética das imagens. No ímpeto de definir o que vi, considerei-os colecionadores, com base nas escritas de si, em suas classificações, enquadramentos e utilização de materiais e linguagens. Isso ficou ainda mais evidente com a oportunidade de me corresponder com Anna, cujas epifanias sobre as imagens e as correspondências dos dois artistas me provocaram o olhar quanto à poética reminiscente colecionadora, de que ali o vestígio por meio das imagens e das correspondências trocadas são testemunhos em processo intermitente, em sobreposição entre os tempos:

*Fernando explica, no projeto, que as flores **definham** [...] Lynn fala na invenção da fotografia e se questiona sobre a **possibilidade de se segurar o tempo, ainda***

*que sob pena de tornar tudo artificial [...] E a Lynn, que sinceridade desconcertante quando revela que produz mirantes para espiar a cidade desconhecida que de repente se tornou sua casa! Mas ela é danada: vê cada coisa linda e colorida nesta cidade, registra os reflexos e a duplicidade dos objetos, sobretudo, **desvenda a fórmula do tempo: Fe + H2O + O = ferrugem!** [...] Fernando, Lynn, você e eu, o que temos feito é exatamente esse exercício: **olhar para os objetos, registrá-los, buscar neles a história infinita do mundo e perceber relações entre coisas materiais e imateriais**, diferentes na aparência, feitas de matérias diversas [...] Olhar aqueles carros enferrujados, aquelas flores que fenecem, as nuvens e também os reflexos de objetos no vidro que reveste um prédio ou na água – tão fugazes – **não pode se reduzir a uma única vez. É preciso voltar e olhar mais, mais, mais** [grifo meu]¹.*

A captura do tempo. Foi a partir desse sentido que me vi entre as narrativas, nas imagens e correspondências. Por meio das mensagens trocadas com Anna, eu pude descrever a sugestão e a captação da poética pelo meu olhar, circunscrever os tempos possíveis em minha leitura e inscrevê-los como colecionadores. Escrever sobre esses colecionadores é reescrever o processo de percurso do meu olhar.

Lynn e o seu herbário com a flora coletada, com nomes e desenhos científicos, recortes de jornais, e com os enquadramentos, em sua construção rochosa, inscreve a sua passagem pelo espaço e pelo tempo – uma colecionadora ávida por paisagens. Vi pelas frestas e pelos recortes singulares de palavras e imagens a sua resistência e existência, sob as pedras e a flora pelo – no – caminho. A princípio, vi um sentido não linear na construção das imagens, em processo. É como narra Fernando, em sua primeira correspondência destinada a Lynn, “O desejo de devanear e buscar imagens e histórias não morre [...]”. O devaneio é mencionado por ele e por Lynn. Ela menciona o devaneio como reflexão, na terceira correspondência – como um método de processo: buscas incessantes, que têm pausas, cujo desejo se esvai em determinados momentos, como afirma Fernando, mas retorna.

Fernando, colecionador de paisagens, na luz e nas transparências, entre nuvens, feixes de luz, reflexos e a iminência da morte das coisas, entre a configuração do que foi e do que agora é – este aspecto também está presente no trabalho de Lynn, vide a trajetória percorrida com o herbário desde a sua coleta até as lâminas, assim como as fotografias de carros com ferrugens –, não como uma ameaça, mas como uma condição própria. As imagens são fantasmagóricas: as flores que estão em seu processo de finitude; as nuvens captadas em formas diversas, sem repetição; as imagens de prédios, na transparência da vista de

¹ Trechos de mensagens encaminhadas por e-mail por Anna Cristina Araújo Rodrigues, entre os dias 27 e 31 de março de 2019.

outros prédios, como miragens; a luz noturna, onda e movimento encerrado, mas capturado no enquadramento. No fundo, tudo é sobre o tempo e o (des)encontro entre a coleta memorável.

Lynn e Fernando são colecionadores de detalhes sobre o tempo. As correspondências provocam simbioses nas escritas de si [deles e minha], na junção das temporalidades, na coleta, na feitura de imagens. Em mensagem enviada a Anna, escrevo "Imagino o ato de trocas em correspondências, numa busca de dar sentido ao que o outro lê e ao que lê, ato de sobrepor e escrever sobre. É exatamente o que fazemos aqui. Encontrar caminhos e trajetórias possíveis para o que nos olha e o que olhamos"... e " [...] menciono historicizar não [em um] tempo cronológico linear, mas um tempo percorrido entre ir, voltar, escolher, voltar ali novamente por meio das fotografias e assim por diante. Eles criam o seu próprio tempo em meio a formas, cores, objetos e cartas trocadas". Eu também criei, em momentos solitários e junto a Anna. Se possível, quero mais, ver mais, compartilhar mais, buscar mais... incessantemente, com algumas pausas. ■

Sinceramente,

Anna
[Anna Paula da Silva]



Correspondência I

Referência

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

Querida amiga Lynn Carone,

Durante minhas caminhadas e devaneios, deparo-me com muitas plantas e flores, tenho o ímpeto de fotografá-las apenas porque são belas e enchem os olhos com as cores e formas – nada é mais bonito e harmônico do que as formas que encontramos na natureza. Você concorda?

Especificamente, neste dia, em final de primavera, encontrei flores definhando. Elas não estavam mortas, ainda estavam firmes, porém mais frágeis do que são as flores novas.

Pensei em meus percursos e como eles acabam, pois eles não terminam repentinamente, eles definham até que eu tenha dado o trabalho como acabado. Há um início, um ápice e a fase do desinteresse; há um processo interno que me diz quando devo acabar cada jornada, e essas flores indicam o final de um tempo. Faço do tempo delas um paralelo com o meu tempo. Elas foram botões que se abriram, tornaram-se lindas rosas, margaridas e outras espécies cujo nome nem sei, testemunharam o que se passou por ali, aguentaram o sol, abrigaram insetos, alimentaram abelhas e, agora, com seu papel cumprido, desintegram-se aos poucos. As flores não morrem, elas murcham, definham, esvanecem. Penso que o processo de caminhar é parecido com o ciclo de vida das flores. O desejo de devanear e buscar imagens e histórias não morre, ele apenas se esvai naquele momento, entretanto o corpo estará pronto para próximas jornadas, assim como as plantas receberão novas flores em um novo tempo.

Fernando Pericin



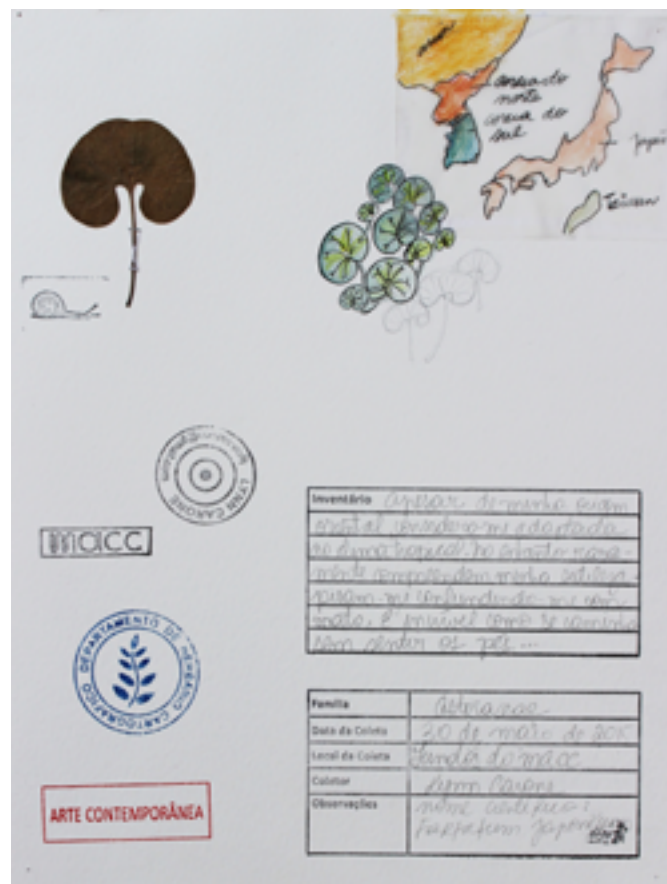
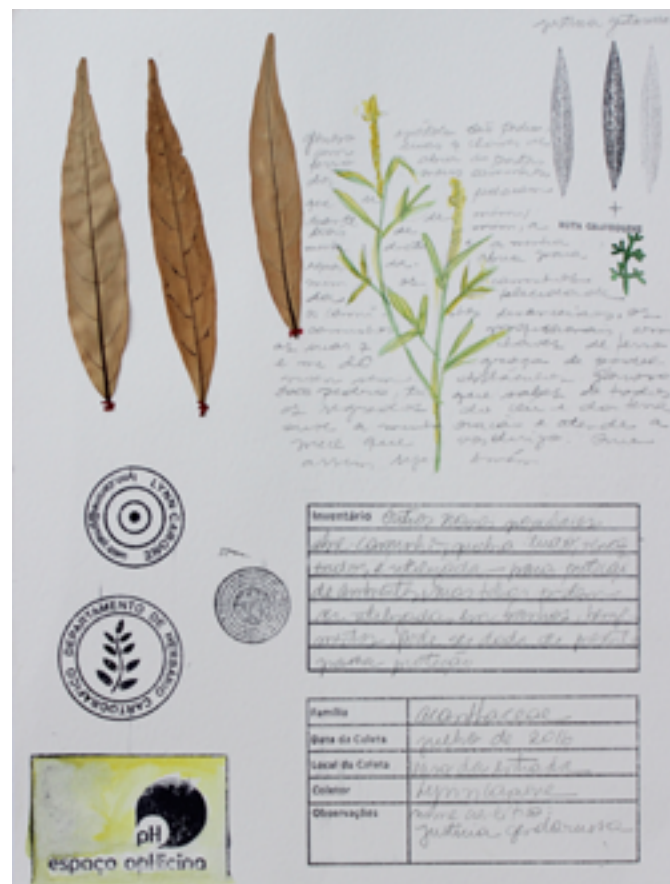
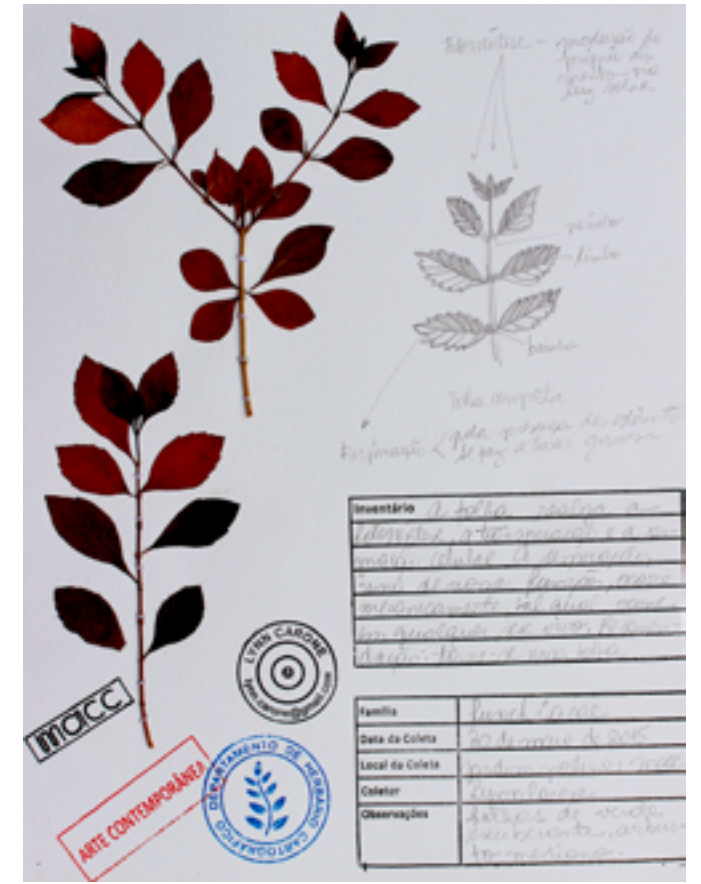
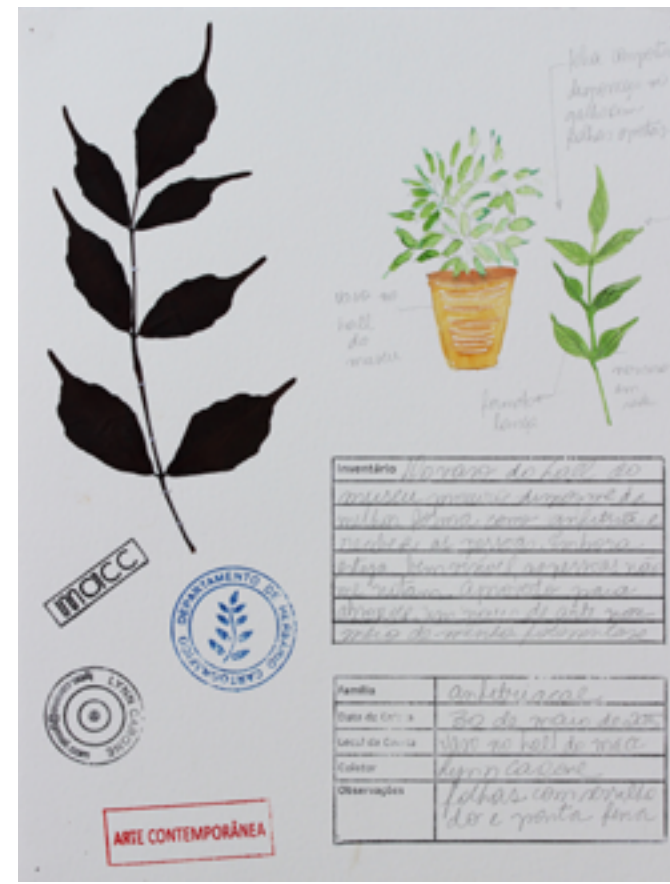
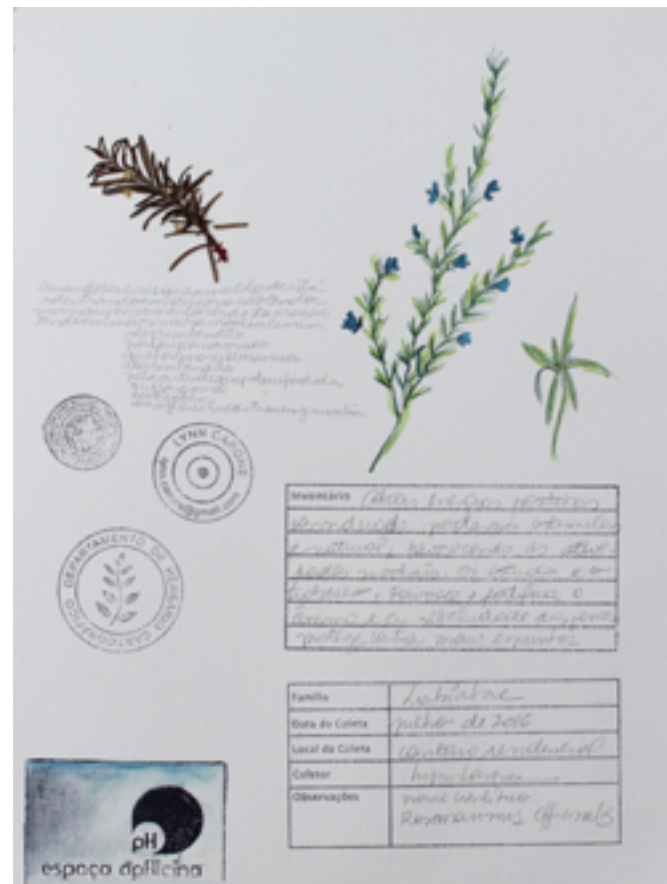


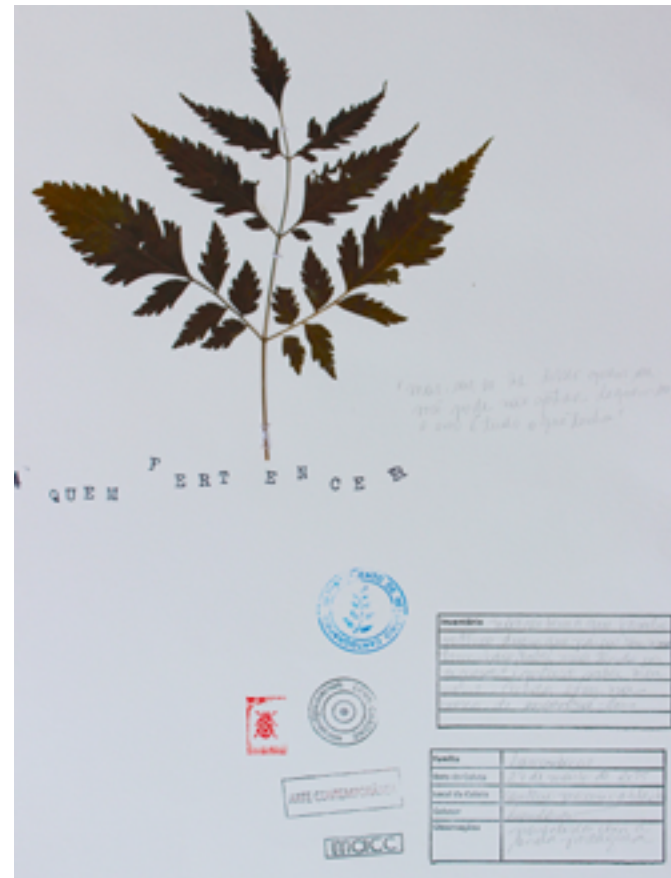
Fernando,

Acho muito interessante observar a ação do tempo na natureza e em nossa vida. A natureza e seus ciclos nos mostram constantemente o estado de finitude e impermanência das coisas. As flores são representantes dessa beleza sedutora da natureza, provocam encantamento e uma sensação boa de harmonia. Registrar flores definindo me parece muito interessante. Temos a tendência de querer congelar os instantes belos. Acho que por isso inventaram flores de plástico. Será que tudo aquilo que tenta segurar o tempo acaba tornando-se artificial? Veja como os olhos podem ser enganados! A fotografia guarda momentos incríveis. Foi uma invenção fabulosa... mas resolvi trazer esse registro da passagem do tempo com amostras de plantas que coletei ao redor da Câmara dos Deputados. Elas ficaram dentro de um livro desde 2017. O que será que essas plantas contariam, se assim pudessem, de tudo aquilo que testemunharam?

Lynn Carone







Correspondência II

Querido Fernando,

Sempre gostei de olhar para as nuvens e de fotografá-las quando estou em um avião. Adoro colecionar coisas. Acho que isso pode ser um problema... Se pudesse, colecionaria nuvens e as colocaria em uns potinhos, cada qual com seu diferente formato, para ver se ao tocá-las sentiria em meu corpo a mesma leveza da matéria de que são feitas. Mas, certamente, se esvaneceriam em minhas mãos! Já as pedras... tê-las, parece ser bem mais fácil. Basta guardar cada uma numa caixinha, abrir e olhar seu formato, cor, tamanho, densidade, peso... No início, queria ter cristais, pedras preciosas, coisas lindas. Hoje me encanto com pedras ordinárias que encontro e coleto pelo caminho, pois elas representam aquele instante vivido no percurso, a experiência do momento. Quando tirei essas fotos de pedras, tive a sensação de que flutuavam. Gostei de ver pedras como nuvens e, então, no metal gravei pedras que voam. Passei a sentir que tornar pedras em nuvens é questão de sobrevivência.

Lynn Carone

Série **Pedras que flutuam, pedras que voam** | 5 gravuras | 39 x 23 cm e 39 x 26cm;

Série **Em suspensão** | 6 fotos | impressão em *fine art* | 15 x 20 cm;

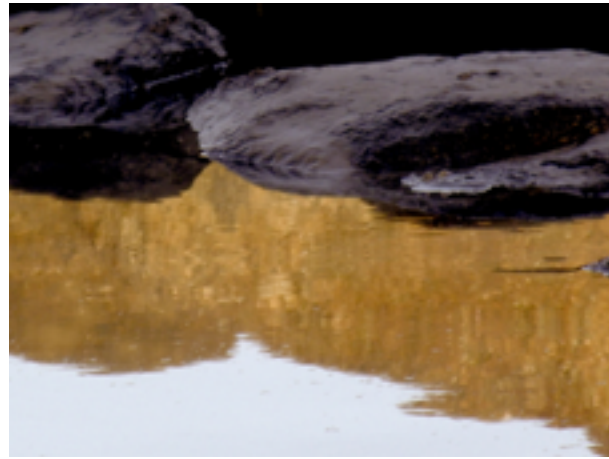
Série **Nuvens** | 2 fotos | impressão em *fine art* | 14,8 x 20 cm;



Série **Pedras que flutuam, pedras que voam**



Série **Nuvens**



Série *Em suspensão*



Série *Pedras que flutuam, pedras que voam*



Série *Nuvens*

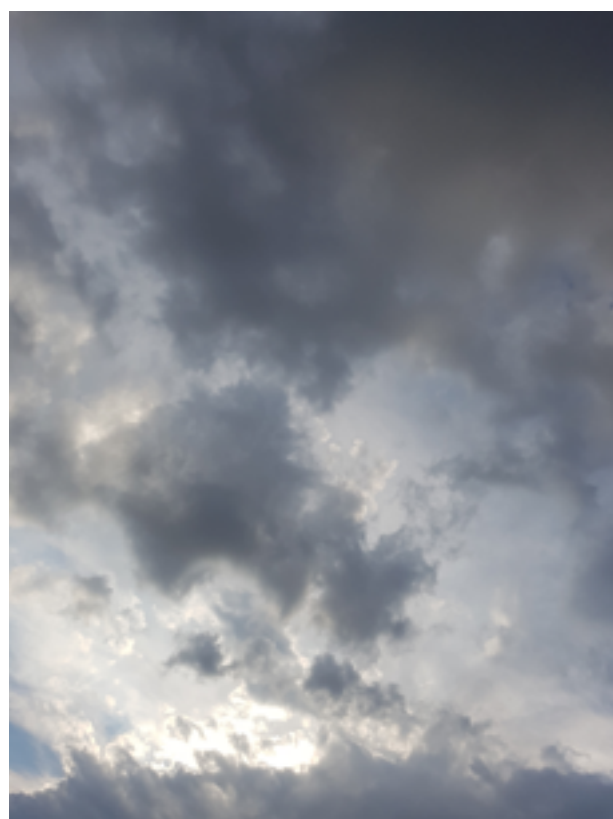
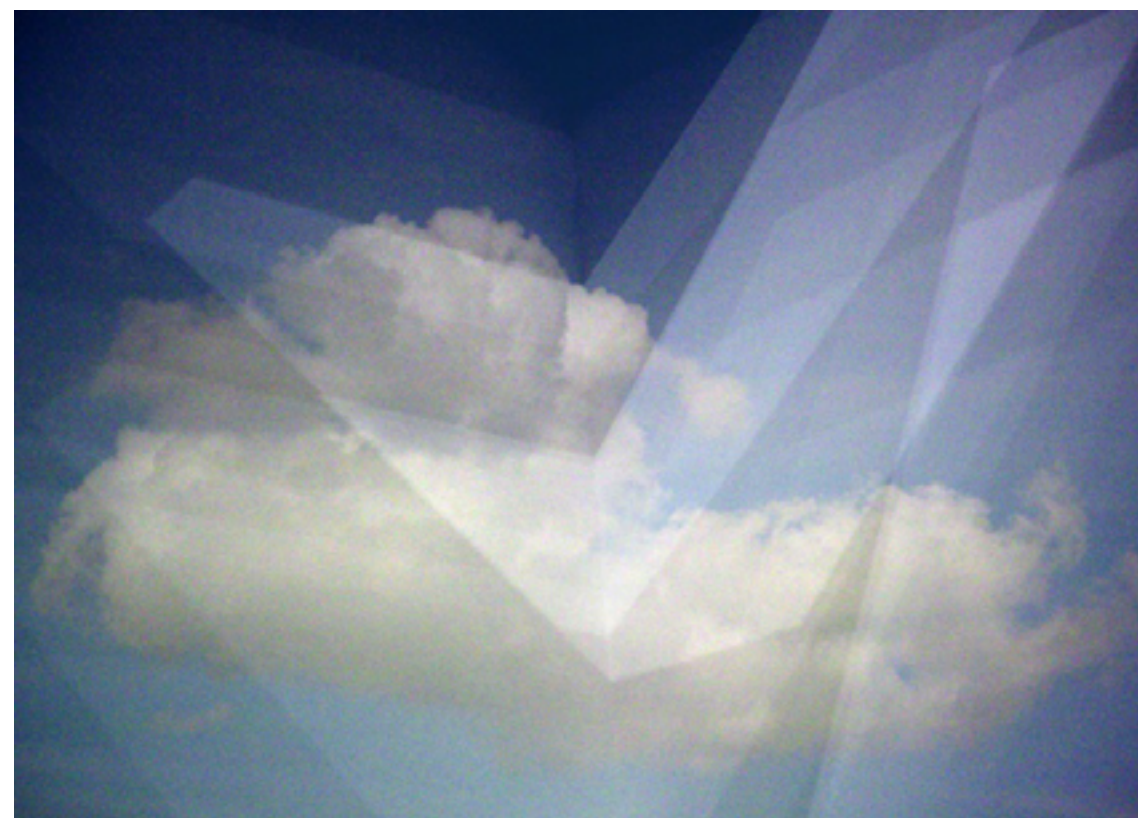


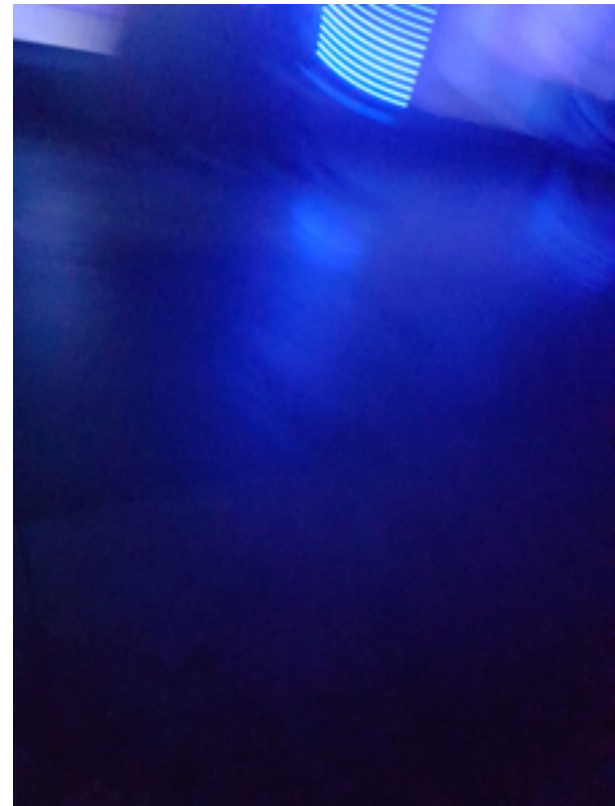
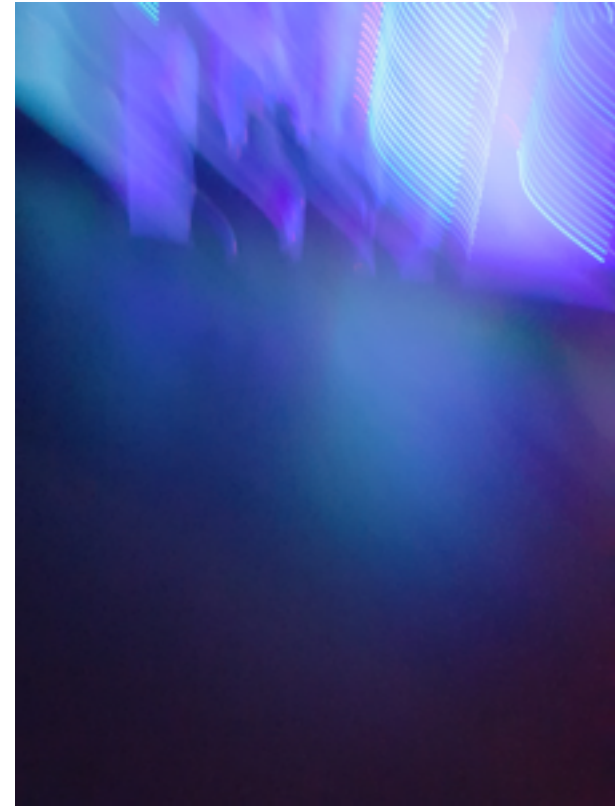
Série *Pedras que flutuam, pedras que voam*

Lynn,

Colecionar é algo que me encanta também. É como guardar um pedaço do tempo, do instante. É ter conosco um momento em objeto. Quando colecionamos coisas ou imagens, estamos guardando pequenos marcadores de tempo na memória. Sempre saberemos onde tiramos aquela foto ou de onde recolhemos aquela pedra. Também gosto do céu, das nuvens e de seus contornos. Crianças brincam de encontrar formatos de objetos no céu, eu brinco também. Gosto quando o céu está coberto de nuvens, de vários formatos, fazendo um padrão infinito. Há alguns anos, fiz um trabalho de duplas exposições em fotografias digitais compondo nuvens com outros formatos. Decidi também procurar nuvens fora do céu, em espaços que chamei de flutuações noturnas, juntei tudo e fiz uma mistura dentro da minha coleção. Cada item tem seu peso, seu valor, sua memória. Cada nuvem tem seu espaço.

Fernando Pericin



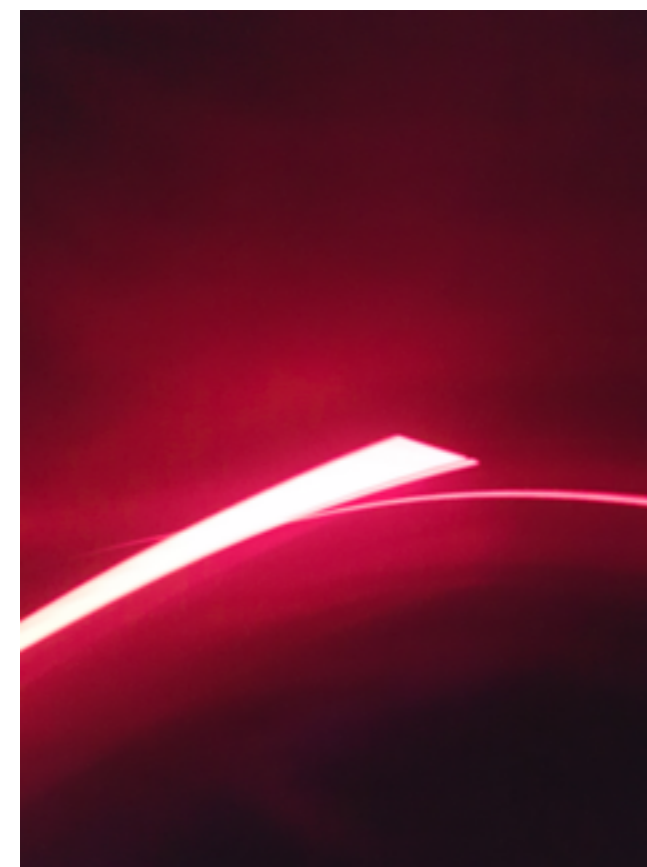


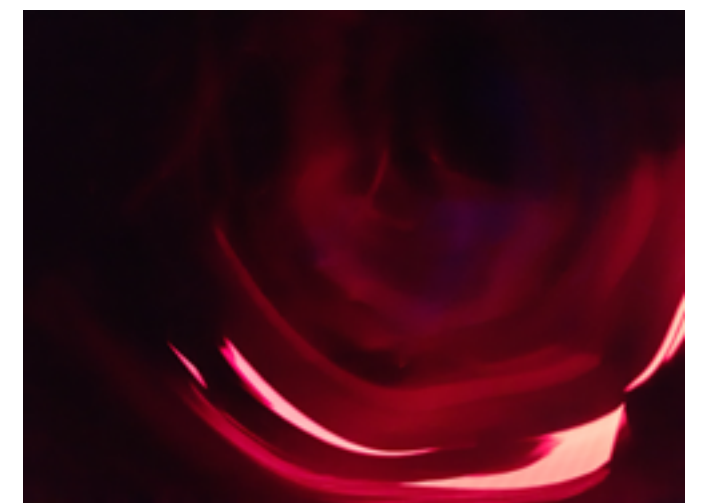
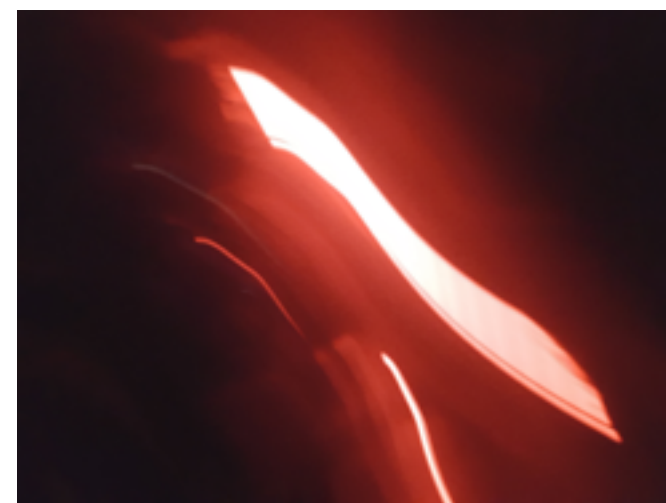
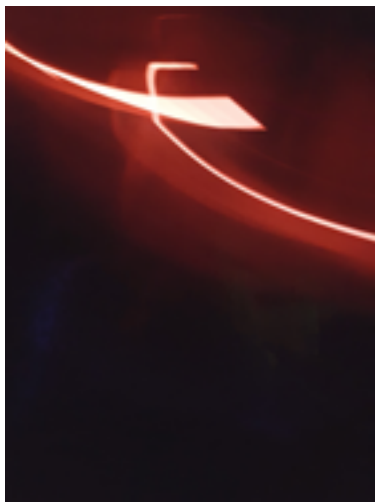
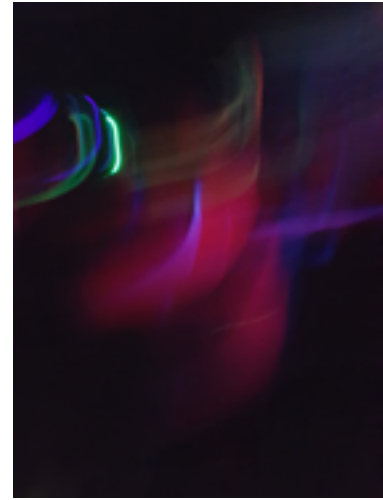
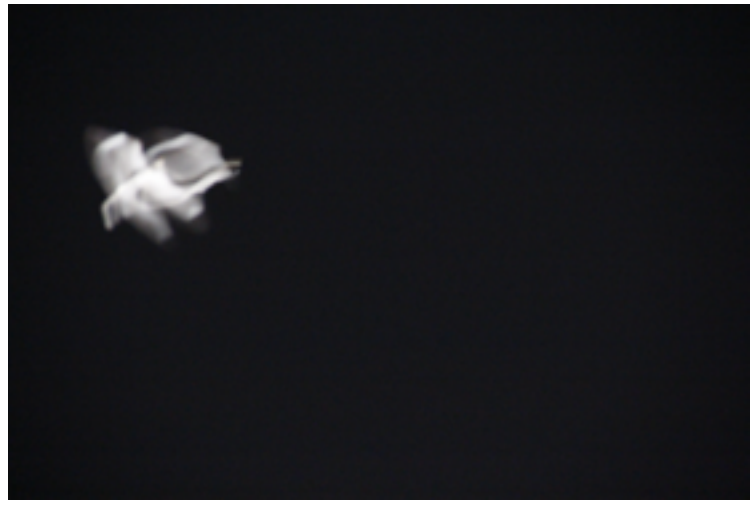
Correspondência III

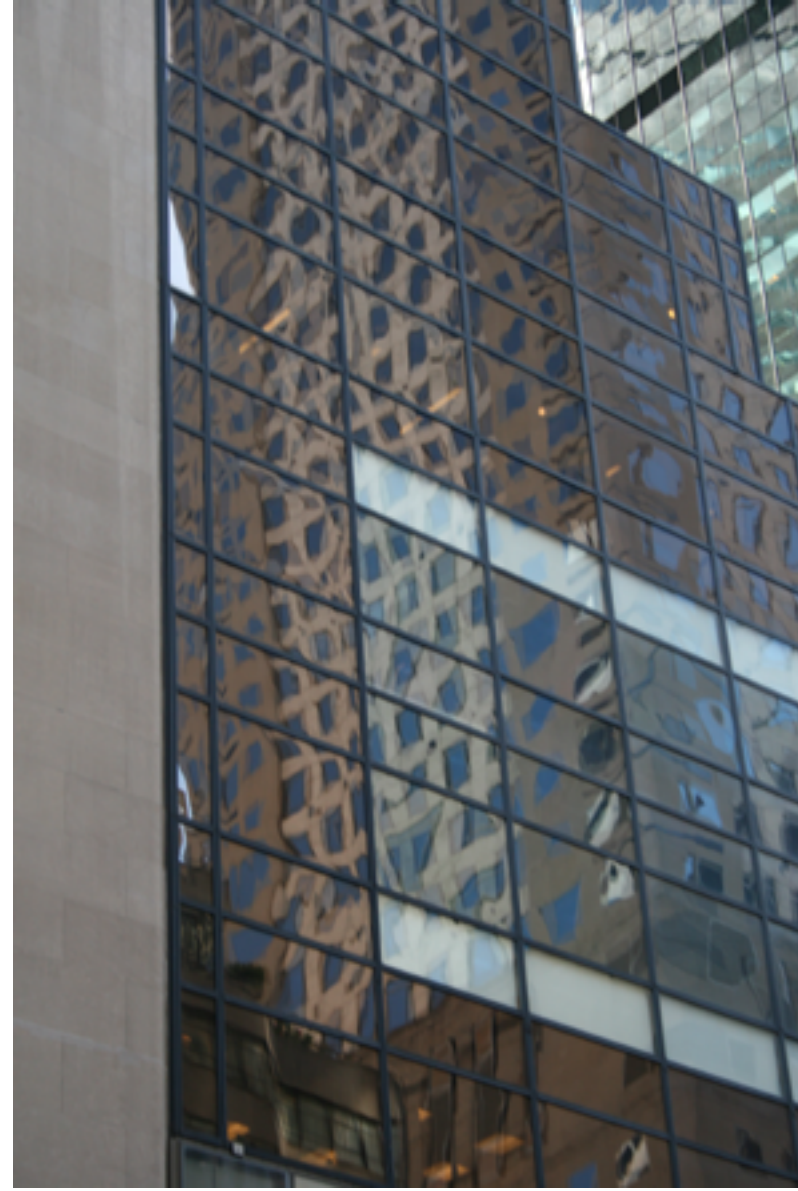
Lynn,

A caminhada noturna é diferente da caminhada diurna, e não é só pela falta da luz solar que falo isso. Durante a noite, a rua tem outros personagens. O cenário é o mesmo, mas as pessoas não são, a vibração não é, as cores não são, o cheiro não é. Há o medo do desconhecido, ou dos desconhecidos, o silêncio profundo, o zumbido de insetos e o barulho de festas. Aproximando-se das aglomerações, em que pessoas se encontram para se divertir e aliviar o estresse do dia, nota-se embriaguez, pelo menos por bebida. Alguns passantes estão embalados pela festa da qual já saíram, outros para a que estão indo. Os ânimos são diferentes, as alegrias são mais intensas, as tristezas mais profundas, brigas mais feias, paixões mais ardentes. As roupas não são as mesmas: são mais curtas, mais justas, mais abertas, mostram pele, contornam braços. A atmosfera é densa pela fumaça de cigarro, pela glicerina, pelo nevoeiro. Dependendo do seu estado, as luzes tomam conta do seu corpo, como se te abraçassem junto com a música intensa. Olhares e entreolhares se cruzam, mas são ofuscados pelo "estrobo", pelo carro que vem virando a esquina, por alguém que passou na frente. Entre um holofote e outro você procura o olhar do conhecido como se fosse seu porto seguro, ou do desconhecido, para onde você vai se aventurar. O caminhar à noite produz histórias intensas, suadas, barulhentas, perturbadas, densas e que se esvaem quando a luz acende. Algumas ficam na memória, outras se transformam em amnésia.

Fernando Pericin



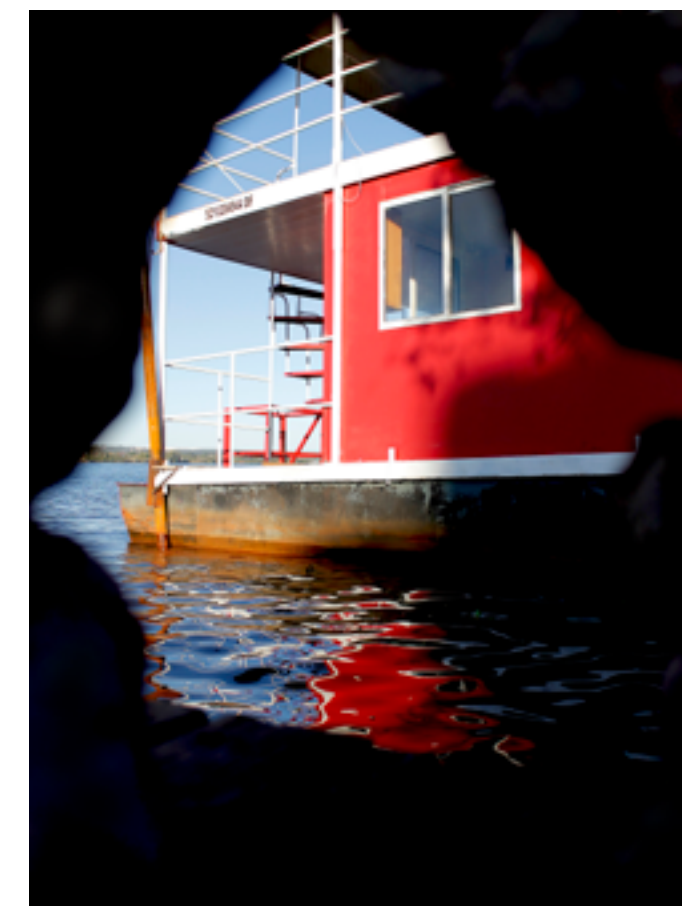


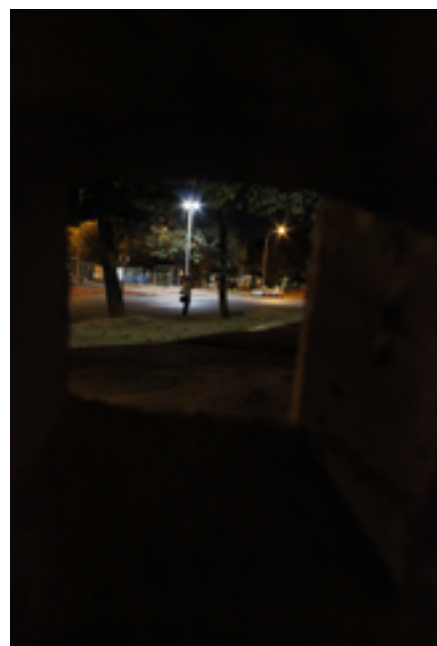
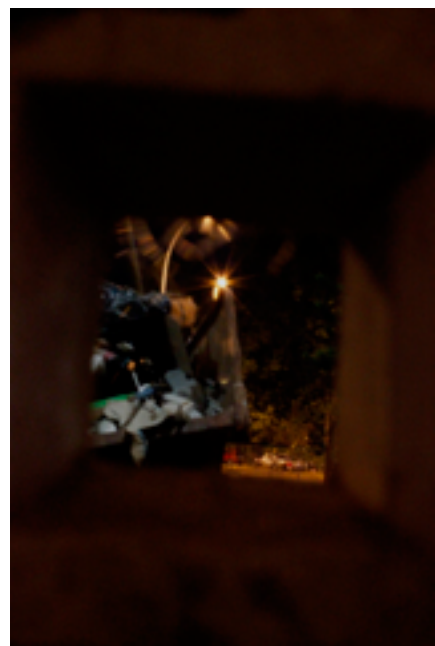


Fernando,

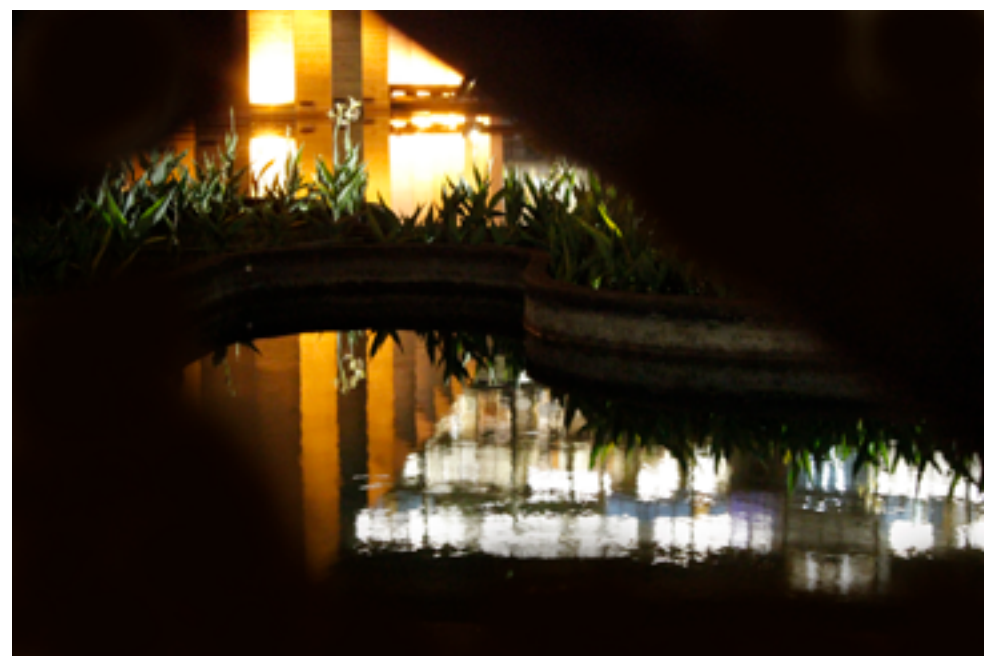
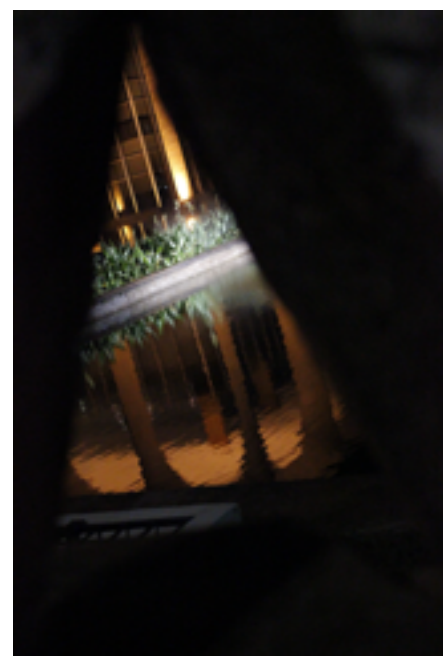
Gostei muito do seu relato e da experiência dessas fotos noturnas. Realmente, fotografar à noite tem outra atmosfera, tem um mistério especial. Fiquei impressionada com a sua observação das pessoas. São observações muito sensoriais, e o movimento das luzes vermelhas que você capturou, agora, para além de ser belo, parece a narrativa dessas histórias! Me mudei para Brasília em janeiro de 2018. Ainda estou me entendendo na amplitude dessa cidade. Criei uns mirantes de pedras que coletei em caminhadas, diurnas e noturnas, e através deles registrei alguns pedacinhos de cenas e, ao contrário do seu registro, me percebi atraída pelos silêncios monumentais da cidade e recorte de cenas que me ajudaram a tornar essa amplitude espacial menos solitária e um pouco mais aconchegante. As caminhadas também me ajudam a me localizar espacial e afetivamente aqui. Olhar por entre essas pedras parece que me faz "espiar" a cidade e, ao mesmo tempo, os sentimentos que ela me provoca. Como você tão bem disse, devaneios também servem para a reflexão e, assim como você, encontrei esse método de encontrar pedras pelo caminho, construir mirantes e olhar através deles para encontrar novos ângulos e perspectivas de olhar para fora e para dentro. O reflexo é sempre algo fascinante... Assim como Narciso, que se enamora da própria imagem, selecionamos imagens das quais nos enamoramos? Seriam elas reflexos de nós mesmos?

Lynn Carone





Correspondência IV



Série *Mirantes*

Amigo Fernando,

Bastam três ingredientes: ferro, água e ar... Assim se poderia definir a ação da ferrugem, "a reação entre o ferro e o oxigênio". Acho incrível a capacidade escultórica que a ferrugem pode ter sobre os objetos. Quando passei por essa cena, no litoral norte, sertão de Camburi, fiquei intrigada com a imagem que a princípio poderia ser lida como algo decadente, reflexo do abandono. Poderia imaginar que o que havia acontecido com aquele carro seria algo como um acidente? Um incêndio? Mas não, meus olhos viram a ação do tempo esculpindo beleza na estranheza. Sim, porque leva um tempo para entender a junção da carcaça de um carro com a de uma geladeira, já que o encaixe e a ferrugem tornaram ambos em peça única... e exclusiva! O mais interessante foi que, na sequência, fiz uma viagem ao Uruguai e lá também pude registrar a ação do tempo e da ferrugem em carros antigos, em diferentes lugares. Alguns ainda estavam em uso, outros transformados em restaurante ou em jardim. Fiquei um pouco melancólica ao comparar o registro do carro brasileiro e o dos carros uruguaios, principalmente ao me dar conta da vida, do respeito à memória e à liberdade de criação neles impregnados! A questão é que não deixo de ver pintura e escultura em cada um deles. O tempo é um grande artista, e a memória, o banquinho em que a gente senta para admirar suas obras.

Lynn Carone



Série *Dálmata*



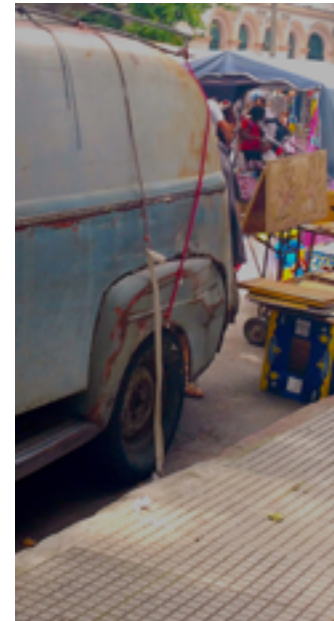
Série *Na Lata*



Série *Martelinho de Ouro*



Série *Jardim*



Série *Pedaços*



Série *Almoço*

Querida Lynn,

Há algum tempo eu também fotografei um veículo que me chamou atenção, aqui em Brasília mesmo. Fiquei intrigado com as marcas desse ônibus. Quanta história tinha ali? Quanta gente ele carregou? Quantos encontros ele promoveu? Não sei quem é seu dono, nem se tem um dono oficial. Eu fiquei me perguntando se ele ainda funcionava e se estava ativo. Será que é de algum grupo que mora nele?

Ele é marcado e impregnado de tempo e memórias. Eu também sou. Nós também somos, cada um com as suas.

Fernando Pericin





Fernando Pericin vive e trabalha em Brasília, DF. É licenciado em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB) e foi tutor de disciplina de ateliê de artes na Universidade Aberta do Brasil/UnB em 2015. É bacharel em Letras pela Universidade de Franca.

Realizou projeto final de graduação intitulado “Histórias de vida: afeto, (in)visibilidades e arte”, sob orientação da Profa. Dra. Lisa Minari Hargreaves.

Participou de exposições coletivas, como a mostra Retina, no Museu Nacional, em Brasília – com trabalho de pinhole digital –, e a mostra Projeções, na Galeria 406, em Brasília – com vídeo intitulado “O que te olha. Contraponto”.

O que interessa ao artista visual e fotógrafo é a vida em movimento: as cidades, os deslocamentos, as pessoas, os modos de vida, os interiores aos quais foi convidado a entrar e aqueles que pode espiar. “O que me interessa é a minha relação com o mundo em que vivo e com as pessoas com quem me relaciono e a relação de pessoas com o mundo delas, mesmo que distantes, ainda que eu não as conheça e apenas as observe” – afirma.

“Fotografo em um tempo e um espaço, com pessoas ou não, que podem ter referências de outros tempos ou outros espaços e que podem se mesclar em outros tempos e outros espaços e ocupar os tempos e espaços que lhes forem permitidos ou atribuídos” – explica Pericin. “Faço, artisticamente, investigações espaciais e temporais. Acredito que, de certo modo, todos nós, seres humanos, temos as mais diversas relações com o tempo, com o espaço e com os outros”.



Lynn Carone, Natural de Los Angeles, EUA, naturalizada brasileira, Lynn Carone formou-se como artista na Faap em 1988 e viveu em São Paulo até 2017. Atualmente vive e trabalha em Brasília e leciona no Instituto de Artes da UnB, como professora substituta.

Frequentou cursos de formação com diversos artistas, como Carlos Fajardo, Edith Derdik, Carmela Gross, Nuno Ramos e Evandro Carlos Jardim, entre outros.

Desenvolveu projetos e participou de coletivos em parceria com artistas, tais como Espaço comum, Espaço conexão, Atelier das quatro, Ritos baldios, Linha imaginária, Tempo, espaço e lugares e Novembro, entre outros.

Participou de diversas exposições e salões desde 1998, como Paço das Artes, MAC de Curitiba, MAC de Campinas, galerias da UFMG, Marp de Ribeirão Preto, Estação Júlio Prestes, Museu do Mackenzie, Espaço Ophicina, Atelier 397, Galeria e Espaço Politheama, Casa Contemporânea, Salão de Piracicaba, Salão de Artes do Amapá, Sesc Pinheiros e MAC da USP. Também participou do projeto Fish eye, em Cardiff, País de Gales, pelo Linha imaginária. Em 2014, a gravura em metal “O que é meu, o que é seu, o que é nosso” passou a fazer parte do acervo da Pinacoteca de São Paulo.



Correspondências

Fernando Pericin e Lynn Carone

Visitação de 20 de maio a 16 de junho de 2019, segunda a sexta, das 9h às 17h

Galeria Décimo | Anexo IV, 10º andar | Câmara dos Deputados

Câmara dos Deputados | Mesa Diretora da Câmara dos Deputados PRESIDENTE **Rodrigo Maia (DEM/RJ)** | 1º VICE-PRESIDENTE **Marcos Pereira (PRB/SP)** | 2º VICE-PRESIDENTE **Luciano Bivar (PSL/PE)** | 1ª SECRETÁRIA **Soraya Santos (PR/RJ)** | 2ª SECRETÁRIA **Mário Heringer (PDT/MG)** | 3ª SECRETÁRIA **Fábio Faria (PSD/RN)** | 4ª SECRETÁRIA **André Fufuca (PP/MA)** | SUPLENTE **Rafael Motta (PSB/RN)**, **Geovania de Sá (PSDB/SC)**, **Isnaldo Bulhões Jr. (MDB/AL)**, **Assis Carvalho (PT/PI)**

COORDENAÇÃO DO PROJETO **Secretaria de Comunicação Social, Centro Cultural Câmara dos Deputados** | SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL **Fabio Schiochet (PSL/SC)** | DIRETOR EXECUTIVO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL **David Miranda** | DIRETORA DO CENTRO CULTURAL **Isabel Flecha de Lima** | NÚCLEO DE HISTÓRIA, ARTE E CULTURA COORDENAÇÃO **Clauder Diniz** | PRODUÇÃO **Clauder Diniz** | REVISÃO **Maria Amélia Elói** | FOTOGRAFIAS **Alexandre Lobato e Flávia Farias** | ASSESSORIA ARTÍSTICA **Leila Pereira Prado** | PROJETO GRÁFICO **Clara Iwanow e Téo Fabi** | MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO **André Ventorim, Edson Caetano, Paulo Titula, Wendel Fontenele** | CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO **Serviço de Preservação - COBEC/CEDI** | MATERIAL GRÁFICO **Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA**

Contatos do artista

Fernando Pericin

(61) 98626-0508

fernandopericin@gmail.com

Lynn Carone

(11) 99340-6718

lynn.carone@gmail.com

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br

Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados – Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70160-900 – Brasília/DF

<http://www.camara.leg.br/centrocultural>

Brasília, maio de 2019.





Centro Cultural

Secretaria de
Comunicação Social

